

Cultura visual e imprensa no século XIX: um estudo das imagens da escravidão na *Semana Ilustrada*

BRUNA OLIVEIRA SANTIAGO*

A importância da imagem em nossa sociedade é inegável. Desde seu advento, em tempos remotos, até as novas tecnologias do século XXI, a dimensão visual tem papel ativo na vida do ser humano. Muito mais do que apenas estudar imagens, a cultura visual, tida como campo multidisciplinar, consiste numa área de estudos que associa a cultura à visualidade. Segundo Paulo Knauss em seu artigo *O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual*, “o campo de estudos da cultura visual pode ser definido, portanto, como o estudo das construções culturais da experiência visual na vida cotidiana, assim como nas mídias, representações e artes visuais” (KNAUSS, 2006: 108). Assim, a importância recai no ato de olhar mais do que no suporte da imagem. Para a cultura visual, o mais importante é o olhar, porque ele altera a experiência das pessoas e muda sua relação com o mundo. “Em outras palavras, cultura visual não depende das figuras em si, mas da tendência moderna de imaginar ou visualizar a existência” (MIRZOEFF, 1999: 5).¹

Ulpiano Toledo Bezerra de Menezes, em seu artigo *Rumo a uma “História Visual”*, propõe três pontos fundamentais: o visual, o visível e a visão. Estes três conceitos servem como orientação para a pesquisa com imagens, na qual o visual é todo o conjunto de imagens referenciais para um determinado grupo social. A definição proposta pelo autor leva em consideração o que ele denomina iconosfera: “o conjunto de imagens-guia de um grupo social ou de uma sociedade num dado momento e com o qual ela interage” (MENESES, 2005: 2).

O visível, por sua vez, está relacionado ao domínio do poder e a aspectos como “ver/ser visto, dar-se/não se dar a ver, os objetos de observação obrigatória assim como os tabus e segredos, as prescrições culturais e sociais e os critérios normativos de ostensão, ostentação ou a discrição” (MENESES, 2005: 2). Não se pode deixar de considerar a outra face do visível, que é o invisível. Ambos estão inter-relacionados. Os aspectos que não aparecem revelam muito sobre uma sociedade, já que ocultam o que ela não quer mostrar.

*Bacharela e licenciada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

¹Do original: “In other words, visual culture does not depend on pictures themselves, but the modern tendency to picture or visualize existence”. Tradução da autora.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

O terceiro fator é a visão. Ela se refere aos instrumentos de observação, juntamente com as várias modalidades do olhar. É importante ressaltar que a visão está diretamente relacionada a um contexto específico, ou seja, é construída historicamente. Assim sendo, é

importante entender uma imagem no contexto em que ela foi produzida e circulou. Rosana Horio Monteiro afirma a importância da imagem como reveladora de características da sociedade que a gerou. No caso deste trabalho, trata-se de compreender de que forma os escravos eram representados nas imagens da *Semana Ilustrada*.

[...] A imagem não fala por si só, mas expressa e dialoga constantemente com modos de vida típicos da sociedade que a produz. Nesse diálogo ela se refere a questões culturais e políticas fundamentais, expressando a diversidade de grupos e ideologias presentes em determinados momentos históricos. Assim, através da análise das imagens, é possível melhor entender as mudanças e transformações por que passaram os diferentes grupos sociais (MONTEIRO, 2008: 133).

Como qualquer outro documento histórico, a imagem precisa ser problematizada. Seu caráter visual não significa que ela reflete a realidade. Muito pelo contrário, existem muitas realidades além da imagem. É preciso analisar a imagem além dos elementos que aparecem nela, ou seja, reconstruir seu universo a partir de informações sobre seu contexto de produção, consumo e circulação.

As imagens são “testemunhas dos estereótipos, mas também das mudanças graduais, pelas quais indivíduos ou grupos vêm o mundo social, incluindo o mundo de sua imaginação” (BURKE, 2004: 232). Dentre as diversas imagens que podem existir num grupo social, um tipo peculiar é a charge, que constitui em fonte de suma importância para o historiador, uma vez que ela lida com questões temporais, próprias de uma época. Ou seja, sua produção está diretamente ligada a um contexto histórico e, por tal motivo, contém em si diversas informações sobre dada época.

Em meados do século XIX, a imprensa passa por mudanças significativas. Surge um novo tipo de periódico, a revista ilustrada, que conta com farta ilustração para saciar os leitores ávidos por imagens. Era um tipo de periódico diferente dos jornais, já que continha o aspecto visual, numa época de afirmação da fotografia. “As revistas ilustradas marcaram sua diferenciação em relação à imprensa diária através do apelo das imagens, consolidando o processo de massificação da fotografia iniciado em meados do século XIX” (COSTA, 1993: 78). A imprensa brasileira passou por grandes modificações desde o seu início, a fim de se adaptar às exigências do público leitor, cada vez mais inserido em um mundo permeado pelo visual.

As inovações na imprensa evoluíam com muita rapidez. Joaquim Marçal Ferreira Andrade (2004) salienta que o surgimento da imprensa ilustrada está estreitamente relacionado aos novos processos de impressão de imagens, aliados ao melhoramento dos

processos já existentes. Com isso, houve uma significativa modificação das páginas dos jornais, que antes não traziam figuras, apenas textos. Em virtude da melhoria tecnológica, bem como do interesse dos leitores, começaram a figurar imagens nos periódicos.

Nelson Werneck Sodré (2011) considera que as inovações técnicas permitiram o advento da gravura, impulsionaram a imprensa e aumentaram sua influência. Com isso, a presença de imagens passou a ser cada vez mais constante nos periódicos. Os diversos títulos que surgiam na época tentavam empregar ilustrações em suas páginas, já que isso fazia sucesso com o público leitor e, conseqüentemente, aumentava a circulação do periódico.

Na segunda metade do século XIX, o público leitor da imprensa ilustrada nutria um interesse cada vez maior pelo consumo de imagens, tendo em vista sua difusão crescente. Assim, o aumento da circulação de imagens possibilitou o surgimento de um público que estava se educando visualmente. Outra questão a ser considerada é a importância da imagem numa sociedade em que a maioria da população era analfabeta. A imagem permitia uma comunicação mais direta com o leitor, tendo muitas vezes caráter pedagógico. Mediada pela ferramenta do humor, a imagem promovia uma comunicação imediata com o público leitor.

A comunicação pelo humor via caricatura ganhou relevo no país de difícil propagação da palavra escrita. A válvula de escape do humor funcionou como antídoto contra a censura vigente, bem como o desenho, como expressão plausível de fácil e imediata comunicação (MARTINS, 2008:64).

A principal técnica utilizada para gravar imagens nas páginas era a litografia.² Ângela Maria Cunha da Motta Telles (2007) afirma que a partir dos anos 1860 começaram a surgir diversas revistas ilustradas que utilizavam a prática litográfica para registrar em suas páginas os costumes da época. Já Annateresa Fabris (1998) destaca a litografia como ponto culminante quando se fala em um novo estatuto da imagem. Para a autora, as raízes do consumo da fotografia estão no método litográfico, já que este responde às demandas industriais do momento: era um método de fácil execução e baixo custo de produção.

Tomando como base a definição de Lúcia Santaella (1998)³, é possível inferir que a charge se insere na categoria pré-fotográfica, cujas especificidades estão estreitamente

²Técnicamente qual o desenho era feito às avessas numa pedra porosa e depois era realizada a impressão no papel.

³Em seu artigo *Os três paradigmas da imagem*, Santaella propõe a divisão da imagem em três categorias distintas. A primeira delas, à qual se faz referência, é o pré-fotográfico, que inclui o desenho, a pintura e a gravura. São imagens produzidas artesanalmente, expressando a visão por meio de habilidades manuais ou corporais. O pré-fotográfico inclui o desenho, a pintura e a gravura. São imagens produzidas artesanalmente, expressando a visão por meio de habilidades manuais ou corporais. Já o fotográfico é o meio que inaugura a produção de imagens com o uso de máquinas, fazendo uso de suportes químicos. Por fim, o pós-fotográfico representa imagens produzidas por computadores, com matriz numérica.

relacionadas ao seu modo de produção manual e figurativo. Na charge, portanto, o sujeito que a produz mostra sua visão de mundo com relação à sociedade em que vive, evidenciando muitos de seus aspectos importantes.

De acordo com a definição de Fonseca (1999), a charge, uma das manifestações da caricatura⁴, é um tipo de desenho que faz sátira a um fato específico, portanto, de caráter temporal. Assim, as imagens analisadas aqui são consideradas charges porque estão ligadas de forma intrínseca ao seu contexto de produção. A visão, proposta por Meneses (2005), está diretamente relacionada a um contexto específico e é construída historicamente. As ilustrações da *Semana Illustrada* somente podem ser entendidas se levarmos em consideração o contexto de sua produção, bem como o olhar do público leitor da época, que não é o mesmo olhar de quem as olha hoje.

Outro fator preponderante é o modo como essas imagens eram produzidas, o que determina sua ampla difusão. Grande parte das charges da *Semana Illustrada* era produzida através do método da litografia. Ele foi significativo porque permitiu a difusão rápida e eficiente das imagens. “A possibilidade de multiplicação de imagens, inicialmente através da litografia e, mais tarde, pela fotografia, representou um marco decisivo na história do conhecimento” (KOSSOY; CARNEIRO, 2002: 20). Sendo assim, a circulação dessas imagens foi bastante intensa e abrangeu amplo número de pessoas.

O advento da fotografia e, posteriormente, da impressão de imagens, incide de maneira impactante na cultura visual do século XIX. As novas tecnologias, adaptadas aos novos tempos, modificam o olhar que as pessoas têm sobre o mundo em que vivem. As revistas ilustradas surgem no mercado editorial atendendo às demandas crescentes pelo estímulo visual. Com o uso das imagens em periódicos e sua popularização em meio ao público leitor, as revistas ilustradas ganharam espaço na imprensa. Paulo Knauss (2011) destaca que sua novidade mais relevante foi a afirmação do papel da imagem, já que os jornais pouco faziam uso de imagens em suas páginas.

⁴Joaquim da Fonseca (1999) propõe uma classificação do termo “caricatura”, que acabou por se tornar muito genérico. Segundo ele, há cinco formas de manifestação da caricatura: a charge, o desenho de humor, a tira cômica e a história em quadrinhos, o cartum e a caricatura pessoal. A charge é um desenho de caráter burlesco, um cartum que faz sátira a um fato específico, portanto, de caráter temporal. O desenho de humor é um conceito recente que engloba desenhos que não têm como finalidade principal causar riso, e sim figurar um momento do ser humano visto pelo humor. A tira cômica e a história em quadrinhos, por sua vez, têm como característica básica a forma de narrativa que apresenta uma sequência de figuras desenhadas, contendo textos dentro de cada quadrinho. Cartum vem do inglês *cartoon*, que passou a ter esse sentido de desenho com a revista inglesa *Punch*, em 1841. A caricatura pessoal é um retrato humorístico que se faz de uma pessoa.

O primeiro periódico que se afirmou no mercado editorial foi a *Semana Illustrada*, lançado em fins de 1860 sob a direção do prussiano Henrique Fleiuss⁵. Como revista de variedades, continha crônicas, poesias e contos. A criticidade presente na revista aparecia de maneira peculiar, já que não fazia menções diretas ao governo vigente como outros periódicos da época.⁶ Por causa disso não se pode dizer que não havia crítica. O alvo era, sobretudo, o comportamento e os costumes da sociedade. Além disso, a revista era mobilizadora da opinião pública como, por exemplo, quando publicou charges em favor do alistamento à Guerra do Paraguai em 1865 ou quando apoiou a Lei do Ventre Livre em 1871.

A inovação da *Semana Illustrada* ocorreu na medida em que ela introduziu imagens em suas páginas, ajudando a consolidar uma nova visualidade:

É indiscutível o caráter visionário, pioneiro em termos nacionais, de Henrique Fleiuss quanto a este aspecto. Mediante a leitura daquele periódico, inúmeros brasileiros foram aprendendo a atentar para o fato de uma imagem reproduzida em suas páginas ser a materialização visual de uma narrativa originalmente verbal, esboçada, desenhada ou fotografada (ANDRADE, 2004: 151).

Antes da *Semana Illustrada* já existiam periódicos com ilustrações, mas eram publicações esporádicas e não consistiam em periódicos especializados. Após seu advento, o público leitor de periódicos foi aos poucos se habituando a uma narrativa em forma de imagem. Segundo Telles (2007), o surgimento da *Semana Illustrada* inaugura uma nova fase da imprensa ilustrada durante o Segundo Reinado. Até o momento de seu lançamento, nenhuma outra publicação tivera tanta longevidade. Seu sucesso foi tão grande que ela conseguiu ficar na ativa durante 16 anos, o que não ocorrera a outros periódicos no cenário brasileiro. Uma das razões de sua popularidade consiste no tratamento diferenciado das imagens e em sua qualidade gráfica.

No momento em que a imprensa começou a utilizar a fotografia para publicar acontecimentos em suas páginas, alterou-se a forma de apresentação dos periódicos. Neste sentido, o pioneirismo de Fleiuss é evidente. “No Rio de Janeiro, foi Henrique Fleiuss quem mais se esforçou e avançou, mesmo que pouco, no sentido de viabilizar essa evolução técnica

⁵ O diretor da *Semana Illustrada* era Henrique Fleiuss, nascido em 29 de agosto de 1823 em Colônia, na Alemanha. Depois de completar os estudos iniciais, foi para Dusseldorf buscar aperfeiçoamento na área das artes. Consta que Fleiuss chegou ao Brasil no ano de 1858, recomendado pelo viajante Karl Friedrich Phillippe Von Martius, que se correspondia frequentemente com o imperador D. Pedro II.

⁶ Periódicos da mesma época que mantinham posição de crítica com relação ao governo imperial, tais como: *Bazar Volante* (1863-1867), que depois se tornaria *Arlequim* em abril de 1867 e, em seguida, *Vida Fluminense* (1868-1875) e *O Mosquito* (1869-1877).

– e mais, essa nova concepção da visualidade –, favorecendo a nova forma narrativa em nossa imprensa ilustrada” (ANDRADE, 2011: 53).

A presença da imagem, portanto, alterou de maneira significativa a relação do leitor com a imprensa, relação esta que passou a ser intermediada por meio das imagens. A tecnologia litográfica facilitou a impressão de imagens no papel e, desta forma, contribuiu para sua difusão. Com esta difusão de imagens cada vez mais intensa, ao lado da influência da fotografia, a visualidade se alterou significativamente.

A *Semana Ilustrada*, personificada pelo prussiano Henrique Fleiuss, com suas representações satíricas, sintetizou aspectos da sociedade brasileira de meados do século XIX. O olhar astuto de Fleiuss captou os costumes da sociedade da Corte e os transformou em crítica, evidenciando uma sociedade que se pretendia moderna, mas que convivia com a escravidão – vista por muitos como entrave para o progresso –, fator que a tornava peculiar aos olhos das outras nações.

O periódico está inserido em um contexto de mudanças não só no âmbito da imprensa, mas também no âmbito social. Após seu advento, começaram a surgir diversos periódicos ilustrados e o uso de imagens na imprensa ganharam força, em meio a uma sociedade que vivia um tempo de transição, em que o sistema de escravidão entrava gradativamente em colapso. Em meados do século XIX, as revistas eram importantes meios de comunicação. Através delas, as pessoas ficavam sabendo dos acontecimentos do cotidiano e, no caso da revista humorística, era também um entretenimento. A *Semana Ilustrada*, um dentre os inúmeros periódicos que circulavam na Corte, foi um veículo de informações conectado com os acontecimentos contemporâneos.

O ato de olhar configura-se como elemento indispensável para a cultura visual. Como já foi dito, pensar as diferentes experiências visuais construídas ao longo da História constitui uma das perspectivas do estudo visual. Neste sentido, busca-se pensar a experiência visual gerada pelas imagens de escravos que circularam na *Semana Ilustrada* na segunda metade do século XIX. É preciso considerar a visualidade da época estudada, uma vez que ela está intrinsecamente ligada ao contexto histórico.

Ao produzir imagens ligadas aos acontecimentos e ideias de seu tempo, a *Semana Ilustrada* apresentou imagens do segmento negro e seu lugar na sociedade. Segundo Karen Souza:

A folha, não tendo como permanecer alheia aos acontecimentos, traz em suas páginas um número cada vez maior de representações acerca do que era ou –

segundo as concepções de seus colaboradores – deveria ser o indivíduo negro e sua atuação dentro da sociedade brasileira da época (SOUZA, 2007: 139).

Uma das questões mais debatidas na época dizia respeito à abolição ou à manutenção do trabalho escravo. Nesse ínterim, o lugar do negro na sociedade passou a ser tema constante nas discussões sobre a escravidão. As próximas páginas serão dedicadas a alguns exemplos de charges que retratam o elemento escravo e a escravidão.

A figura 1 mostra uma escrava e um bebê, provavelmente seu filho, em posição de reverência em frente a um anjo. Esse anjo, representado na figura de uma mulher, é branco e na gola de sua veste lê-se a inscrição “Gabinete 7 de março”. Ele segura correntes rompidas nas mãos, como se tivesse libertado o bebê das agruras da servidão. O bebê ergue os braços em direção a ele, como se estivesse agradecendo. O sol nascente, ao fundo, passa a ideia de um futuro próspero para a nação. Desta forma, a nova lei anunciava um Brasil que tentava aos poucos se livrar deste peso que era a mão de obra escrava.

Figura 1 – Lei do Ventre Livre



28 DE SETEMBRO DE 1871

Vincula servitii tandem sunt saeva remissa.⁷

Fonte: *Semana Illustrada*, n. 565, 1871.

Por meio da figura 1 é possível perceber de forma clara o ponto de vista da *Semana Illustrada* com relação à questão. Ela se colocou a favor da Lei do Ventre Livre, apesar dos sacrifícios que ela engendrava com relação à mão de obra. Quanto aos escravos, em ambas as

⁷Frase em latim que significa: “As cruéis ligações são por fim desfeitas”.

figuras eles demonstravam uma recepção subserviente e passiva diante de um acontecimento que os atingia diretamente e do qual, segundo Chalhoub (2011), eles participaram ativamente na busca pela liberdade.

Um grupo de imagens cuja presença é constante nas páginas da revista diz respeito aos tigres, escravos responsáveis por carregar os dejetos em barris e lançá-los nos rios ou mares. Como a *Semana Illustrada* tinha como propósito a crítica aos costumes, este era um ponto bastante mencionado. O Passeio Público era visto como um lugar fétido por causa do cheiro que emanava. Os tigres eram muito malvistas, já que eram eles os responsáveis por jogar os dejetos nas águas. A figura 2 mostra um exemplo da repugnância que os tigres causavam. A falta de higiene e limpeza acabava por se personificar na figura do escravo, que apenas tinha a função de despejar os detritos. Os inúmeros detalhes da ilustração perpassam a noção de combate aos tigres. Na parte central vê-se um tigre em forma de animal carregando um balde. Ele parece estar sendo morto por um guarda municipal, que o perfura com uma arma. Abaixo vê-se que o grande triunfo é a captura do tigre. Ao redor da figura principal, há diversas ilustrações menores, todas com essa noção arraigada da caça ao tigre. Percebe-se palavras como: ataque, combate, caça, emboscada.

Figura 2 – A caça aos tigres



Fonte: *Semana Illustrada*, n. 123, 1863.

As condições de limpeza da cidade do Rio de Janeiro eram alvo constante de críticas por parte de Henrique Fleiuss. Apesar de pretender se adequar aos modelos europeus de civilização, a capital do Império vivia em condições deploráveis de higiene, fato que

atrapalhava os passeios ao ar livre. O escravo denominado tigre era associado a essa situação precária da limpeza urbana e era, por isso, malvisto nas páginas da revista. A figura do tigre, portanto, está associada à sujeira e à falta de higiene.

A ousadia dos escravos também era outro aspecto destacado em muitas das charges. No contexto da época, em que o cativo estava se integrando gradativamente à sociedade, seja como liberto ou não, suas atitudes fora do aceitável eram consideradas ousadia e afronta à autoridade dos brancos. A *Semana Illustrada* denunciava em forma de humor o comportamento do escravo e, ao mesmo tempo, comportava também uma crítica à seriedade dos senhores. Na figura 3, um moleque faz chacota com uma senhora branca, ao fingir que tem algum problema na boca e, quando a senhora se aproxima, ele revela sua piada.

Figura 3 – Ousadia de um moleque



MOLECAGENS. — N. 1

— Ai! ai! ai!

— O que tens meu filho!

— Uma cousa dentro da boca.

— O que é? deixa vêr...

— A lingua.

Fonte: *Semana Illustrada*, n. 139, 1863.

Nas figuras 4 e 5, notam-se comportamentos contraditórios. Na primeira charge (figura 4) há duas situações. Na primeira cena, um escravo sacode o paletó do seu senhor com um pedaço de pau. Na segunda, é o senhor quem sacode, mas o paletó está no corpo do escravo. Trata-se de um detalhe que está além da forma como o escravo era tratado, já que pode-se considerar que a figura traz si uma crítica com relação à cultura da elite, a forma como tratavam seus cativos. A charge seguinte (figura 5) mostra um outro tipo de comportamento com relação ao escravo, através de uma proximidade quase íntima.

Figura 4 – Relação entre senhor e escravo



João. – Como vais te dando com teu amo?

André. – Excellentemente, pois até me sacode o meu paletó, em paga talvez de eu sacudir o seu.

João. – Não acredito; estás zombando.

André. – E' verdade, a unica differença é que sacudo o paletó de meu amo, no cabide, e elle sacode o meu no meu corpo.

Fonte: *Semana Illustrada*, n. 100, 1862.

Por um lado, os escravos que trabalhavam no âmbito doméstico estavam muito mais próximos do senhor, mas nem por isso eram bem aceitos no círculo social dos brancos. Algumas escravas, por outro lado, eram alvo de galanteios por parte dos senhores. A figura 6 evidencia um momento em que um homem pede que a escrava dê um beijo em sua ama. Ela faz menção de não aceitar, mas como ele já havia dado o beijo, pede que ela lhe devolva. No canto superior direito, uma mulher, provavelmente a ama, contempla, boquiaberta, a cena que se desenrolava diante de seus olhos.

Figura 5 – Beijo roubado



– Dê a tua ama este beijo, que me esqueci de dar-lhe.

– Mas Sr., olhe que...

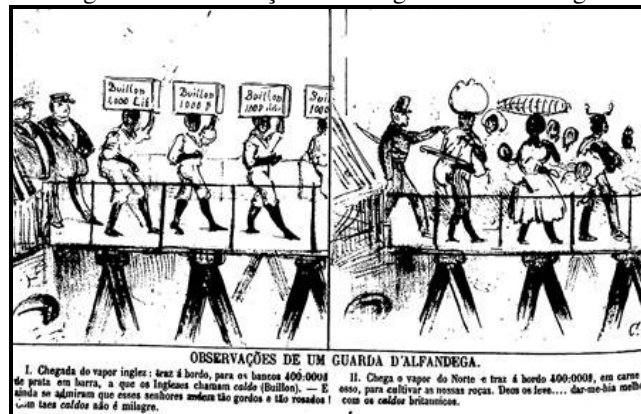
– Ah! não queres? pois então restitue-m'ò, e já.

Fonte: *Semana Illustrada*, n. 510, 1870.

A figura 6 mostra as observações de um guarda da alfândega analisando os produtos que chegam ao porto do Rio de Janeiro. Na primeira cena, há escravos carregando caixas contendo prata em barra chegadas da Inglaterra. Já na segunda cena, chega um vapor oriundo

do norte. Pressupõe-se que venha das províncias canavieiras que, com a crise que sofriam, não precisavam mais do contingente escravo, mandando-o para cultivar as roças do café, produto em alta no sudeste e que necessitava de braços para suprir a demanda. A repulsa a esta mão de obra, evidente na legenda, recaía também sobre o fato de aceitar o elemento negro e escravo infiltrado na sociedade.

Figura 6 – Observações de um guarda d'alfandega



I. Chegada de um vapor inglez: traz á bordo, para os bancos 400:000\$ de prata em barra, a que os ingleses chamam de caldo (Buillon). – E ainda se admiram que esses senhores andem tão gordos e tão rosados! Com taes caldos não é milagre.

II. Chega o vapor do Norte e traz á bordo 4000:000\$, em carne e osso, para cultivar as nossas roças. Deos os leve... dar-me-ia melhor com os caldos britannicos.

Fonte: *Semana Illustrada*, n. 49, 1861.

Quando se considera o visível na concepção de Meneses (2005), pensa-se no domínio do poder. Neste sentido, as elites tinham poder sobre a construção dessa imagem negativa sobre o escravo. Além do fato de ser contra ou a favor da mão de obra escrava, havia a questão da presença do negro na sociedade que eles tentavam aproximar da Europa. Tendo em vista que a *Semana Illustrada* era destinada às elites, as charges são coniventes com essa forma de pensamento e com as prescrições culturais próprias dessa sociedade.

A figura 7 traz ilustração e texto sobre o barbeiro do Largo da Sé, considerado na legenda o tipo mais sublime mostrado pela *Semana Illustrada*. O trabalhador é ironizado pela revista, que critica seus serviços, afirmando até mesmo que o fato de fazer a barba no meio da rua é uma afronta à civilização e causa espanto aos estrangeiros. Pode-se afirmar que esse tipo de atividade se insere na ampla gama de atividades urbanas exercidas pelos escravos que tinham autorização de seus senhores para tal, tanto é que se trata de uma atividade domingueira.

Figura 7 – O barbeiro do Largo da Sé



Esfola aqui, esfola acolá, é o barbeiro do Largo da Sé o mais sublime typo de todos que a *Semana* tem publicado.

Negro de má catadura, estúpido como um frade de pedra, e mettido a curandeiro, senta-se o barbeiro em uma tripeça ao lado da igreja e começa a operação, que quasi sempre, é domingueira. Desgraçados queixos que lá cahem! Não sei quanto custo uma barba, mas creio que não deve passar de quatro vintens. Até hoje ainda lá não fui, e espero que, em quanto houverem barbeiros na rua do Ouvidor, não me atire a esse amolador de queixadas.

Não gosto de ver fazer a barba no meio da rua, e é para um estrangeiro, um quadro aterrador da nossa civilização, e do bom gosto da municipalidade! Ninguém pôde negar que o barbeiro do Largo da Sé é um artista, embora o mundo se engane, acreditando o contrario. *Mundus vult decipi.*⁸ (Continúa.)

Fonte: *Semana Illustrada*, n. 116, 1863.

O visível consiste também em aspectos como os tabus e os critérios de ostentação de uma sociedade. No caso do Brasil de meados do século XIX, envolto pelas teorias raciais europeias, a integração do escravo na sociedade era como um tabu. As charges analisadas evidenciam que a questão permeava diversos pontos de apoio da elite brasileira, tal como o fato de ver sua propriedade ameaçada. Ostentava-se uma máscara de civilização, mas, por trás disso, havia uma sociedade híbrida racialmente. Uma nação que se pretendia moderna, porém, ao mesmo tempo, estava presa no atraso da escravidão.

A cultura visual do século XIX, altamente influenciada pela fotografia, ensejou intensa produção de imagens. As revistas ilustradas surgiam para dar vazão à demanda que se tinha pelo consumo de registros visuais. A *Semana Illustrada*, pioneira no segmento das revistas ilustradas, registrou em imagens muitas das questões que se mostravam relevantes durante os 16 anos de sua circulação. Testemunhou, dentre outros fenômenos importantes, o processo gradual de ocaso da escravidão. Através do humor, a revista se propôs a criticar os costumes da sociedade oitocentista da Corte. As charges que tratam da escravidão e do escravo corroboram esta ideia.

Neste processo, o humor surge como elemento constante nas charges. A charge, considerada um tipo de caricatura, tem como marca principal o fato de lidar com representações humorísticas ligadas a uma época específica. No caso analisado aqui, a figura do escravo e/ou da escravidão aparece em ilustrações que destacam características que incitam o riso.

⁸ Expressão latina que significa: “O mundo quer ser enganado, pois que o seja”.

As imagens, sendo elas produtos da sociedade que as produzem, revelam sobre ela aspectos culturais importantes para a compreensão do período histórico vivido, bem como das transformações pelas quais essa sociedade passou. Olhar essas imagens e analisá-las é problematizar a própria sociedade. O processo gradual de abolição do trabalho escravo criou uma situação sem precedentes, em que se deveria aos poucos agregar os negros ao cenário social, do qual antes estavam alijados. Concomitantemente, o pensamento em voga na época não permitia a igualdade de raça, considerando os negros inferiores aos brancos.

A dinâmica de interação entre os grupos sociais é evidenciada nas ilustrações presentes nas páginas da *Semana Illustrada*. Homens livres, senhores, escravos e libertos se relacionam numa sociedade em profunda transformação. O contexto de circulação fornece explicações para elementos identificados na imagem: ora o escravo é olhado como ser submisso e inferior, ora como um indivíduo já inserido na sociedade e que conta com seus próprios recursos para viver nela.

As charges, ou seja, as ilustrações litográficas (e, em alguns casos, xilográficas) da *Semana Illustrada* revelam em seus traços a visão que se tinha do escravo, visão que o inferiorizava frente aos homens livres e brancos. Para além de uma representação negativa do escravo estava o receio das elites com relação a esta presença negra tão próxima deles. Por meio das charges analisadas, foi possível perceber que a visão sobre o escravo foi construída de maneira a inserir o indivíduo na sociedade, porém de maneira excludente. Ao mesmo tempo tão próximos e tão distantes, os negros apareciam nas imagens ora como submissos, ora como ousados.

A questão da tipificação é evidente, uma vez que os escravos não são representados como indivíduos, e sim pela sua função social. Tal constatação é evidente, por exemplo, quando se fala dos tigras, que por sua vez são identificados prontamente com sua função de se livrar dos dejetos e, desta forma, com a sujeira e mau cheiro da cidade.

Este trabalho pretendeu estabelecer uma reflexão sobre um grupo selecionado de imagens (charges feitas através do processo litográfico ou xilográfico) do periódico *Semana Illustrada*, a fim de buscar entender a visão que se tinha sobre os escravos na sociedade oitocentista do Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX. Numa cultura visual permeada pelos novos fenômenos de registro como, por exemplo, a fotografia, as charges sobre a escravidão configuram um conjunto de imagens que traduziam todo um pensamento sobre o escravo por parte do segmento branco da sociedade.

Quando se considera o visível, é preciso também levar em conta o invisível. Nas charges analisadas, não se vê escravos desempenhando funções relevantes socialmente e nem tarefas que necessitem de esforço intelectual. É importante considerar que a visualidade sobre o escravo é construída por alguém de fora, visão esta que está em plena consonância com o pensamento do público leitor, que é quem vai consumir essas imagens.

As imagens de um determinado grupo social devem ser entendidas segundo seu contexto de produção e seus receptores. As imagens da escravidão em um grande veículo da imprensa revelam aspectos significativos para que se possa entender a sociedade oitocentista da Corte em meados de um século emblemático como foi o XIX. As charges eram usadas para expressar, de forma humorística e, por vezes, irônica, a posição que o escravo deveria ocupar na sociedade e a visão que se tinha sobre ele. Era um indivíduo à margem da sociedade, mas que, na verdade, buscava adequar-se a ela à sua maneira, procurando seus próprios recursos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. A trajetória de Henrique Fleiuss, da *Semana Ilustrada*: subsídios para uma biografia. In: KNAUSS, Paulo; MALTA, Marize; OLIVEIRA, Cláudia de; VELLOSO, Mônica Pimenta (Orgs.). **Revistas Ilustradas**: Modos de ler e ver no Segundo Reinado. Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ. 2011. p. 53-65.

_____. **História da fotorreportagem no Brasil**: a fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. 281p.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular**: imagem e história. Bauru: EDUSC, 2004. 264 p.

CHALHOUB, Sidney. **Visões da liberdade**: uma história das últimas décadas de escravidão na Corte. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 359 p.

COSTA, Helouise. Da Fotografia de Imprensa ao Fotorreportagem. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1-2, p. 75-85, jan./dez., 1993.

FONSECA, Joaquim da. **Caricatura**: a imagem gráfica do humor. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999. 286 p.

KNAUSS, Paulo. Introdução. In: KNAUSS, Paulo; MALTA, Marize; OLIVEIRA, Cláudia de; VELLOSO, Mônica Pimenta (Orgs.). **Revistas Ilustradas**: Modos de ler e ver no Segundo Reinado. Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ. 2011. p. 7-14.

_____. O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan./jun. 2006.

_____; CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **O olhar europeu**: o negro na iconografia brasileira do século XIX. São Paulo: Edusp, 2002.

MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em tempos de Império. In: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia Regina. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 44-80.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Fontes Visuais, Cultura Visual, História Visual: balanço provisório, propostas cautelares. In: **Revista Brasileira de História**. v. 23, n. 45. São Paulo: ANPUH, 2003. p. 11-36.

_____. Rumo a uma “História Visual”. In: MARTINS, José de Souza; ECKERT, Cornélia; NOVAES, Sylvia Caiuby (Orgs.). **O Imaginário e o Poético nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 2005. p. 33-56.

MIRZOEFF, Nicholas. **An introduction to visual culture**. London: Routledge, 1999. 274 p.

MONTEIRO, Rosana Horio. Cultura Visual: definições, escopo, debates. **Domínios da Imagem**, Londrina, n. 2, p. 129-134, maio, 2008.

SANTAELLA, Lúcia. Os três paradigmas da imagem. In: SAMAIN, Etienne (Org.). **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec/CNPq, 1998. p. 295-307.

SODRÉ, Nelson Werneck. A imprensa do Império. In: **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1983. p. 273-368.

SOUZA, Karen Fernanda Rodrigues de. **As cores do traço: paternalismo, raça e identidade nacional na *Semana Illustrada* (1860-1876)**. 2007. 178 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2007.

TELLES, Ângela Maria Cunha da Motta. As revistas ilustradas na produção e circulação de imagens no século XIX. In: _____. **Desenhando a nação: Revistas Ilustradas no Rio de Janeiro e Buenos Aires na década de 1860 e 1870**. 2007. 231 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em História Social, Rio de Janeiro, 2007.

FONTE PRIMÁRIA

Semana Illustrada, n. 49. Rio de Janeiro: Typographia. de Pinheiro e Companhia, 1861.

_____, n. 100. Rio de Janeiro: Typographia. de Pinheiro e Companhia, 1862.

_____, n. 116. Rio de Janeiro: Typographia. de Pinheiro e Companhia, 1863.

_____, n. 123. Rio de Janeiro: Typographia. de Pinheiro e Companhia, 1863.

_____, n. 139. Rio de Janeiro: Typographia. de Pinheiro e Companhia, 1863.

_____, n. 510. Rio de Janeiro: Typographia. de Pinheiro e Companhia, 1870.

_____, n. 565. Rio de Janeiro: Typographia. de Pinheiro e Companhia, 1871.

